

Lourdinha Borges

“Aí, eu comprei tinta acrílica. Ah! Aí eu amei a tinta acrílica. Porque eu passo a espátula e é aquilo que fica. O que sai da minha alma é aquilo que fica”.

1

por Vivilí Maria Silva Gomes

Lourdinha Borges é autora do livro *Câncer, Vida e Sensualidade*, onde conta sua experiência com o câncer de mama e o envolvimento com o apoio às mulheres mastectomizadas. Com formação em Arte-Educação e Música tornou-se artista plástica em decorrência do seu processo terapêutico ao passar pelo câncer de mama. Lourdinha é voluntária da Sociedade Brasileira de Mastologia, do Grupo União e Apoio ao Combate ao Câncer de Mama (UNACCAM) e fundadora presidente da ONG Estrela da Mama em Praia Grande, SP. A entrevista, apresentada na forma de depoimento, aborda o seu processo de tratamento em direção à cura e a resignificação que dá a arte nesse percurso, contribuindo para amenizar tanto sua dor física como emocional. O encontro com Lourdinha se deu por intermédio da Associação Viva Melhor de Santo André, pioneira na região do ABC no apoio às mulheres mastectomizadas. O depoimento ocorreu em fevereiro de 2009 no Instituto Brasileiro de Controle do Câncer (IBCC) em São Paulo, local de seu tratamento.

Lourdinha Borges fala sobre sua dor de alma e o início da pintura— Para mim, a mulher é forte, é guerreira, porque é mulher. À partir do momento que ela se gosta, que

ela confia em Deus, que ela acredita na religião que ela tenha, naquele Deus que ela imagina, ou seja, ela acredita nas coisas dela, então, ela se basta. As outras pessoas, sejam amigos, amores, amigos de trabalho, filhos, parentes, todos são complemento. Dessa maneira a mulher vai viver mais, com mais energia, com mais força, com mais qualidade, com mais crença em si mesma. Foi pensando e agindo assim que as coisas foram mudando na minha vida. Eu fiquei viúva e cinco meses depois o câncer se apresentou. Talvez, ele estivesse escondido por muitos anos, mas ele só apareceu num momento de uma dor real. Então, na minha opinião, **câncer de mama é dor de amor.**

2



Ilustração 1 – Lourdinha Borges (acervo pessoal da artista)

Essa minha opinião, tenho falado em vários congressos, em aulas, enfim, nos diversos círculos de conversa e diálogo dos quais participo, incluindo médicos, e concordam com isso também. Alguns afirmam que muitas mulheres com câncer de mama são mulheres que nunca puderam, por algum motivo, dizer não. Mas, a partir do instante em que a mulher começa a questionar e a viver, e a viver melhor, ela fica bem. Eu, Lourdinha, estou bem a cada dia. Já curando de um amor que se foi. Agora...vou torcer pelos meus filhos. Como mulher do signo de gêmeos, luto pela arte, respiro arte, minhas mãos foram e são abençoadas por Deus e naquilo em que eu ponho a mão, graças a Deus, fica bem. Então, eu me sinto bem. E aí, eu comecei a abrir um grito. Eu queria gritar pro

mundo que eu estava sofrendo. Mas, minha terapia foi muito dura pois eu perdi a memória. Na verdade, eu tive que comprar um teclado e aprender de novo cada música. Eu trabalhava com orquestra sinfônica, com piano. Aí, sabe aquela música que eu tive que aprender de novo cada notinha do teclado? Eu dizia... querendo gritar a minha dor. Aí, como eu vinha todas as tardes aqui pro hospital eu comecei a trazer uma prancheta, folha de sulfite, eu comecei escrever o que as mulheres me contavam, o que os seus companheiros me contavam. Eu perguntava: *Como é que vocês fazem na sua vida íntima?* Eu queria saber porque eu estava viúva com quarenta anos e estava no auge da minha libido. Queria saber se um dia eu ia ter uma vida novamente, ah... uma vida íntima, né? Daí, eu comecei a escrever tudo aquilo. Assim, começou a surgir o livro. Em princípio eu não pensava em escrever um livro. Mas, comecei a escrever e a guardar tudo aquilo. Eu achava que só escrever sobre aquelas mulheres era muito pouco. Queria mais. Como eu nunca tinha desenhado, nunca tinha pintado, nunca tinha feito nada disso, então, comprei lápis apropriado e borracha e comecei a tentar desenhar aquelas mulheres. No início eu não punha rosto. Mostrava para elas e diziam que aquela mulher que eu pintara tinha a essência dela. Não precisava de rosto! Conforme eu ia desenhando, as mulheres se procuravam ali. Diziam: “*eu sou essa*”, “*eu sou aquela*”.



Ilustração 2 – Tela pintada por Lourdinha Borges na primeira fase de seu processo onde a mulher é representada sem mama com cicatriz (acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP)

Cheguei num ponto que senti que era preciso por cor nos desenhos. Então, eu comprei tela, tinta e pincel. Tive muita dificuldade com pincel pois era autodidata. *Acho que o pincel não tá me dizendo nada!* Comecei a usar a colher, depois a usei a espátula, o dedo, a palma da mão. Usava o que estivesse mais perto. Não pensava se iria usar isso ou aquilo. Quando vi aquelas formas que eu desenhava estavam começando a criar vida. No começo, quando eu fui comprar material, me ofereceram tinta à óleo. Senti que essa tinta à óleo não estava me satisfazendo mais. Nem o tamanho da tela. Primeiro, eu pinto a dor em tela com a cicatriz porque eu estava nessa fase. A cicatriz era minha dor na alma. A questão é essa dor na alma. E eu passava pra tela. Embaixo de cada uma delas eu escrevia uma poesia sobre o que eu sentia. Pinteí catorze telas e cheguei na etapa da cirurgia de reconstrução da mama. Então, eu já não queria mais aquela cicatriz.



Ilustração 3 – Tela pintada por Lourdinha Borges na segunda fase de seu processo onde a mulher é representada com flores em lugar da cicatriz (acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP)

Ela não existia mais na minha cabeça. No lugar da cicatriz passei a fazer flores. Era a reconstrução da minha alma, da minha vida, do meu corpo. Depois que eu fiquei pronta, eu comecei a desenhar mulheres prontas, sem flores também. Só com as mamas prontas. E, assim, fui aumentando o tamanho das telas. Elas ficaram muito grandes. Elas passaram de 50 cm por 70 cm, passaram pra 90 por 1 metro, e depois, de 1,20 m pra 1,50 m. Ficaram muito grandes. Ah! Tá. Então, aí, agora, eu tenho vontade de pintar tudo em tela de 3 metros. Porque?



Ilustração 4 – Tela pintada por Lourdinha Borges na terceira fase de seu processo onde a mulher é representada com as duas mamas reconstruídas (acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP)

Lourdinha Borges fala sobre a reincidência do câncer e sua prontidão devido a arte -

Porque? Porque nessa caminhada, depois de 8 anos, eu tive câncer de novo, na outra mama. Só que meu processo emocional, meu processo psicológico, já não aceitava mais ficar triste. *Já tô pronta mesmo. Já não estou pronta?* Então, podem vir outras cicatrizes, outras flores. Não vai fazer diferença. Vai doer? Vai doer. Mas, eu fui aprender, eu fui conhecer a medicina mamária, oncológica. Agora eu entendo, eu não sei se foi muito inteligente, se foi interessante. Porque eu vi, eu conheço os caminhos, eu sei o futuro, eu sei o processo. Se eu mantiver um bom humor, uma vida de alegria, de certeza de um poder superior na minha vida eu fico bem. Não importa que nome, que nome vai dar. Pode ser cosmo, pode ser vida, estrela, Deus, enfim, o nome não tem importância. Se eu entender que eu sou perfeita, as coisas acontecem de um modo perfeito. Eu vou ter o melhor médico, o melhor enfermeiro, o melhor ombro amigo, o

melhor remédio. O que mais que eu quero? Eu tenho a certeza, não sei porque, que eu não vou morrer de câncer. Ele vai fazer parte da minha vida até o final mas, possivelmente, eu ainda vou viajar muito, vou conversar muito, vou nadar muito, que eu amo nadar, vou beijar muito, enfim, vou fazer muitas coisas boas. Já não posso dançar muito. Danço meio bolero. Não tem importância. Se eu não puder dançar, fico lá no clube, vendo as pessoas dançarem, que eu adoro. Vou lá comer um petisco. Dar risada com os amigos. O que importa é isso. E é por aí. Atualmente, eu tô morando há 4 quadras do mar. De repente, eu percebi que eu não tô criando mais: parei de pintar, parei de tocar. Eu falei: tá acontecendo alguma coisa errada. Aí, eu vi que era a distância do mar. Então, eu já pus à venda meu apartamento e vou morar na frente do mar. Como? Não sei. Não me pergunte, mas eu tenho certeza. Logo, logo, eu estou na frente do mar. Ele agora é a minha inspiração. Faço as coisas na medida do possível. Atendo todo mundo devagar mas com muito amor. Devagar. É um trabalho voluntário, Ajudei a criar muitas associações. Muitas, muitas! Muitos grupos. Muitos! Aqui, no Estado de São Paulo, em outras cidades, em outros estados, em outros países. Viajo bastante. Eu tomo vacina. Faço de tudo. E o que não precisa também! É assim, se eu ler alguma coisa na internet, se eu achar viável, eu tomo, eu faço, eu bebo, eu faço. Faço muitos tratamentos paralelos, tratamentos holísticos. O que fizer bem pra minha alma, com certeza vai fazer pro meu corpo. O que fizer bem pro meu espírito, vai fazer bem pra minha célula.

Lourdinha Borges fala sobre a presença da arte no seu processo de cura - Porque tudo é arte pra mim. É terapia ocupacional. Como a arte sempre fez parte da minha vida, eu estudei música a vida toda, eu sempre fui muito interessada também na imagem. Então, por exemplo, quando eu estudava Bach, eu ia buscar a imagem relacionada com Bach. Enfim, cada autor que eu estudava eu buscava a imagem. Mas, essas imagens vinham de arquitetura, vinham de pinturas, de texturas. Sempre muito ligada à textura. Eu acho que o visual da textura é muito interessante. Quando você olha um vidro diferente, uma parede diferente, te chama atenção. Se eu vejo uma joia, uma bijuteria bonita, aquilo me chama muito a atenção. E eu sempre fiz um paralelo ao corpo da mulher, a roupa, ao cabelo, sempre. Então, isso já é um processo de arte, desde criança. Quando aconteceu a história câncer, eu tirei fora pois pensava que *graças a Deus, não é meu*. Eu acho engraçado que tem mulher que fala “meu câncer”. Porém, nesse processo, eu percebi que eu podia juntar tudo. Tudo o que tinha na minha cabeça há

muitos anos. Então, como sempre gostei muito de muita bijuteria, de cabelo diferente, e eu sabia que iria perder os cabelos depois, então, eu usei entrelaçamento, eu pintei de verde, eu pintei de rosa, eu pintei de muita cor. Quer dizer, eu fui um susto para as outras pessoas. Acho que pensaram que eu estivesse ficando louca. Mas não era, é que eu precisava experimentar tudo isso porque eu queria ver a reação das pessoas até eu chegar nas cores verdadeiramente, eu chegar na tinta. Porque eu não sabia ainda o que queria. Eu estava buscando alguma coisa, mas não sabia que eu queria pintar. Eu estava buscando uma arte porque a música não estava explicando o que eu estava sofrendo.

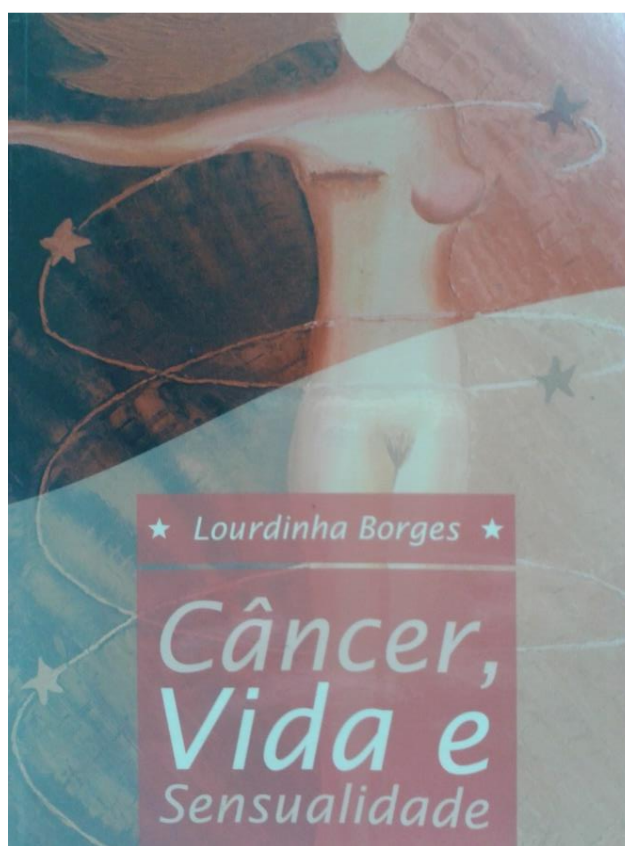


Ilustração 5 – Capa da primeira edição do livro de Lourdinha Borges, Câncer, Vida e Sensualidade (publicado em edição atualizada pela Editora Bandeirantes no ano de 2014)

Então, as pessoas perguntavam “Porque você fez entrelaçamento?” E eu respondia: *Ah! Porque eu sei que vou perder os cabelos.* Alguém perguntava: “Ah, porque você está com cabelo de duas cores?” *Eu dizia: Ah! Porque eu quero ser diferente. Eu quero que as pessoas me notem.* Perguntem alguma coisa, eu quero poder perguntar e a pessoa se abrir. Porque é difícil você perguntar sobre a intimidade de alguém. Quando você chega

e pergunta assim; “Como é que é sua vida íntima? A pessoa se cala. Então, eu desenvolvi um jeito meu de ser, na verdade, eu procurei um caminho. Eu fazia [as e não é não] é mentirinha, não. Eu chegava pra pessoa e falava assim: *Olha, eu tô namorando de novo, mas eu não tenho coragem de contar pra ele que eu não tenho a mama. O que que você acha?* Eu nem tinha operado a mama. Eu estava fazendo quimioterapia, mas a pessoa não sabia. Eu percebi que as pessoas mais velhas, os homens mais velhos, os maridos que estavam com as suas mulheres diziam: “Ai, não conta, não. Só vai contar depois que tiver mais amizade. Aí, a pessoa vai te entender e vai dizer se é importante ou não ter a mama. Aí, eu chegava em casa e eu desenhava mulher com mama, sem mama, com cabelo, sem cabelo. Como eu não sabia desenhar direito, eu imaginava alguma coisa. Os mais novos, tanto namorados, companheiros mais novos e as mulheres mais novas falavam: “Não, você tem que contar. Porque, ou ele vai embora, ou ele fica.” Mas, eu percebi que eu tinha medo do que as pessoas me contavam. Porque eu percebia que essas pessoas que me falavam pra contar na maior parte seus maridos já tinham ido embora. Porquê? Porque o homem é visual, ele não é emocional. Então, quando ele imagina a mulher dele já sem a mama, ele já *brocha*. E o medo de brochar do brasileiro é maior. Então, eu pensava, *como é que eu vou passar tudo isso pra uma tela?* Eu não estou vivendo a experiência, eu fiquei 7 anos sozinha. Depois da viuvez, eu tenho que passar. E, aí, eu ficava olhando para aquelas mulheres... Comecei a comprava lenços, tecidos enormes, quadrado, eu fazia, punha pedraria em volta. Inventei turbante, inventei chapéu. Eu pedia pras mulheres colocarem e fotografava. Eu desenhava. E elas se achavam bonitas com aquilo. Veja bem como foi esse processo: colocar um turbante diferente era muito interessante. Eu comecei a colocar turbante antes de perder os cabelos. Uma vez eu estava numa perfumaria. Fui pegar qualquer coisa. E uma garota falou pra mãe: “Mãe, olha aquela mulher com aquele pano na cabeça.” E a mãe disse pra criança: “Ah! Ela é estrangeira, ela deve ser lá do lado dos turcos.” Ela falou qualquer coisa assim. Eu não abri a minha boca, se não ela ia perceber que eu estava entendendo, que eu tinha cabelo e que não era nada daquilo. Aí, eu achei melhor sair da loja. E a moça, me conhecia, a vendedora deu uma risadinha. Mais tarde quando eu voltei, ela comentou: “Nossa, elas ficaram loucas pra comprar o seu turbante e não tiveram coragem de perguntar onde você o comprara.” Uma vez também, eu estava saindo num shopping, eu estava descendo pela escada rolante. Havia uma moça subindo, e ela começou a gritar: “Moça, me espera, me espera”. Eu tinha acabado de

descer e fiquei esperando. Eu pensei: *Nossa, vai ver ela me conhece de algum lugar.*



10

Ilustração 6 – Telas pintadas por Lourdinha Borges ao longo do que identifica como as 3 fases de seu processo de cura mediado pela arte: 1ª fase – mulher- mama-cicatriz; 2ª fase – mulher-mama-flores e 3ª fase – mulher-mama-pronta e feliz (acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP)

Ela veio e perguntou: “Nossa, onde você comprou, que eu adoro? Eu preciso saber onde você comprou” Aí, eu falei: *Vamos lá no banheiro que eu te ensino onde eu comprei.* Quando eu cheguei lá. Aí, eu já estava sem cabelo e tirei o turbante. Primeiro, a coitadinha quase desmaiou. Ficou branca, pensei mesmo que ela fosse desmaiar. Aí, eu montei o turbante, sem abrir a minha boca. E ela falou assim: “Ah! Esse turbante é lindo, mas eu acho que eu não quero aprender esse turbante.” Ela associou com câncer. Lembrando que quando ela me viu, me cumprimentou com um beijo e um abraço. Porém, quando ela foi embora, não me beijou e não me abraçou. Aí, já entrou o preconceito. Ficou com medo de pegar, como dizem: “Acho que de perto pega. Não sei o que ela tem. Porque ela tem... Ela tem...” ou, como é falado “É uma cancerosa...” ou, então, “Ela pode ser uma soropositiva.” Então, eu percebi dali pra frente que eu tinha que ter cuidado. Eu tinha que ter cuidado até pra pintar. Aí, eu vi... foi a fase em que a tinta à óleo não me satisfazia mais. Ela demorava pra secar, era muito grossa. Se eu quisesse consertar eu podia. E eu não queria isso. Eu queria colocar uma única vez e que

ficasse aquilo. Aí, eu comprei tinta acrílica. Ah! Aí eu amei a tinta acrílica. Porque eu passo a espátula e é aquilo que fica. O que sai da minha alma é aquilo que fica. É isso!

Lourdinha Borges finaliza seu depoimento com uma síntese poética – O tempo todo nesse meu processo, até a colocação do cabelo, me preocupei com o que a mulher sentia. Então, nas minhas telas, você vê mulher de peruca. Você percebe a peruca: são cabelos compridos. Você percebe mulheres com o cabelo jogado pra trás e os seios empinados, como se dissessem: “E daí? Tô na fé. E daí? Tô muito mulher.” Como diz um amigo meu: “Tô muito macho.” O processo todo foi esse. Foi lento. E eu continuo em processo. E vou continuar o processo artístico até fechar os olhinhos. Entendeu? Enquanto meu cabelo e minhas unhas estiverem crescendo; enquanto eu estiver falando, enfim, enquanto eu estiver viva, meu processo artístico vai continuar. Eu agora só estou esperando ir pra frente do mar *que eu tô com umas ideias bem malucas*. Enfim...

*Árvore pra mim é mãe
Mulher, cicatriz da alma
Flores no lugar da cicatriz
Mama pronta, aceitação de como ela é
Reconstrução da vida
Com ou sem mama, com ou sem cabelo:
Quando ela entende que é maravilhosa, como um todo...
Mulher pronta, pessoa feliz
Quando consegue oferecer a parte mais importante de seu corpo,
Que é o ombro, o ombro amigo
Até então, ela buscou o ombro amigo,
Agora tem para oferecer.*

Fontes das Imagens

1. acervo pessoal da artista
2. acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP
3. acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP
4. acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP
5. BORGES, L. **Câncer, Vida e Sensualidade**. São Paulo: Estação Gráfica, s/d.
6. acervo da ONG Estrela da Mama, Praia Grande, SP